

TOPOFILIA E ESPACIOSIDADE EM LANZAROTE: A EXPERIÊNCIA EPIFÂNICA DE SARAMAGO

Márcia Manir Miguel FEITOSA*

- **RESUMO:** Publicado em 2022, por Pilar del Río, *A intuição da ilha: os dias de José Saramago em Lanzarote* constitui um livro singular e extremamente sensível. Situado entre os gêneros biografia, crônica e diário, entre acontecimentos vividos na Casa – assim grafada pela autora –, a escrita de vários romances - muitos deles consagrados pela crítica -, os passeios pela ilha vulcânica até culminar com os encontros travados ora com escritores consagrados, a exemplo de Carlos Fuentes e Ernesto Sábato, ora com personalidades como Sebastião Salgado, a obra narra com ênfase e muita desenvoltura os últimos 18 anos de Saramago, mais precisamente entre 1992 e 2010, em Tías, no sul da ilha, próxima à costa do Marrocos. O objetivo dessa investigação é trazer à tona a experiência afetiva de Saramago pelo olhar de sua parceira e companheira de todas as horas, de que modo a relação topofílica com Lanzarote interferiu na escrita de vários de seus romances, de que modo a liberdade conquistada na ilha – sua espaciosidade – permitiu a obtenção de momentos epifânicos. Para tanto, servirão de aporte teórico os estudos desenvolvidos pela Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, a partir de Bachelard (2008), Tuan (2012; 2013), Dardel (2011) e Relph (2012), bem como as reflexões específicas sobre a produção de Saramago nas obras de Reis (1998) e de Aguilera (2008).
- **PALAVRAS-CHAVE:** José Saramago; Lanzarote; Topofilia; Experiência.

Introdução

Fomos para Lanzarote porque Saramago não queria conviver com a censura. A ilha não o isolou. Lá, ele pôde se conectar com o tempo e o universo inteiros. Sua obra se tornou menos portuguesa e mais universal. À ilha chegavam as vozes humanas, não o ruído social que dificultava seu trabalho em

* UFMA. Universidade Federal do Maranhão. Centro de Ciências Humanas – Departamento de Letras. São Luís – MA – Brasil. 65085-580. marciamanir@hotmail.com

Lisboa, onde sempre havia um jantar para ir. Ele pôde respirar e escrever. No fundo, havia em Saramago um sentimento de ilha, uma vontade de navegar.

(Pilar del Río)

Lanzarote não constituiu na vida de Saramago apenas um refúgio, uma válvula de escape diante da censura que vetou *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de 1991. Não. Lanzarote possibilitou a sua conexão com o mundo fora das cercanias portuguesas, na medida em que despertou nele, como destaca Pilar del Río na epígrafe escolhida para esse trabalho, “um sentimento de ilha, uma vontade de navegar”.

Esse sentimento varre toda a obra *A intuição da ilha: os dias de José Saramago em Lanzarote*, publicado, em 2022, pela sevilhana com quem Saramago viveu os últimos 18 anos de vida. Pilar del Río, entre a biografia, a crônica e o diário, narra com desenvoltura e sensibilidade, imbuída de um forte propósito, os acontecimentos mais significativos vividos pelo escritor entre 1992, quando se muda para Tías, ao sul de Lanzarote, próxima à costa do Marrocos, e 2010, quando vem a falecer. A ilha, portanto, proporcionou a Saramago um mosaico de emoções, tão singulares que ensejaram a escrita de mais de 340 páginas, acompanhadas de fotos coloridas a registrarem flagrantes do dia a dia na *Casa*, encontros com notáveis, a exemplo de Susan Sontag, Sebastião Salgado, Carlos Fuentes, Carlos do Carmo (fadista), Maria Kodama, Bernardo Bertolucci e Almodóvar, e fotos de seus escritório, raramente frequentado, mas que, em um desses dias em que lá estava, recebeu a presença do garoto Tito que fez questão de lhe “entregar uma lanterna mágica que descobrira para encontrar os livros nas estantes” (Río, 2022, Anexos).

As únicas fotos em preto e branco, curiosamente, abrem e fecham esse conjunto de imagens, a começar pelo registro feliz da sala de estar da *Casa* com a presença de dois dos três cães do casal, e a derradeira, com o sol a se pôr nas Montañas del Fuego, tendo à frente Saramago e Pilar a caminharem juntos. A ilha, portanto, na perspectiva do geógrafo Yi-Fu Tuan, “parece ter um lugar especial na imaginação do homem”. E continua: “A sua importância reside no reino da imaginação. No mundo, muitas das cosmogonias começam com o caos aquático: quando a terra emerge, necessariamente, é uma ilha. A primeira colina também foi uma ilha e nela a vida começou” (Tuan, 2012, p. 168).

Para Saramago, Lanzarote representou a ilha “habitada do que somos”, a conter “toda a verdade suportável: o contorno, a verdade e os limites”. O poema que abre o livro, extraído de *Provavelmente alegria* (1970), dá margem para que o leitor mergulhe, nas páginas que se seguem, no universo íntimo do homem, escritor e amante da natureza. A decisão por viver em Lanzarote “converteu-se”, nas palavras de Pilar, “na realidade soberana que moldaria um estilo de vida e um percurso literário” (Río, 2022, p. 30).

O objetivo, portanto, desse trabalho é evidenciar de que modo a experiência afetiva de Saramago em Lanzarote influenciou não só seu estilo de vida, mas sua trajetória como escritor, na medida em que foi a partir da mudança para a ilha vulcânica que sua produção romanesca alçou um novo degrau, com uma guinada considerável para o universalismo. Servirão como aporte teórico para tal reflexão os estudos de Carlos Reis (1998) e Aguilera (2008) e, no tocante à abordagem acerca da topofilia e espacialidade, as pesquisas desenvolvidas pela Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, a partir de Bachelard (2008), Tuan (2012, 2013), Dardel (2011) e Relph (2012).

A relação topofílica e a “segunda existência”

Tudo teve início com uma visita de Saramago à ilha onde viviam uns cunhados e lá descobriu o quanto semelhante experiência tinha sido real em todos os sentidos; mas a real decisão, destaca Pilar, adveio “quando entendeu que devia criar distância de um Governo que não respeitava os valores de Abril [...]. Então, sem mais demoras, ligou para seu cunhado e nove meses depois a casa de Lanzarote, *A Casa*, estava pronta para ser habitada” (Río, 2022, p. 35).

Nasce, pois, “a intimidade do espaço interior”, “o canto do mundo” para Saramago quando decide construir a morada onde viveria os anos seguintes aos 70. Em *A poética do espaço* (2008), Bachelard enfatiza o papel crucial da casa e argumenta que “é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (Bachelard, 2008, p. 201). No prefácio à obra de Pilar, Fernando Gómez Aguilera ressalta um possível encontro entre a infância e a fase adulta, com destaque para uma frase curiosa do nosso autor, anunciada por Pilar páginas adiante: “Será Lanzarote a minha Azinhaga recuperada?” (Río, 2022, p. 271). Para Bachelard, é no plano do devaneio e não no dos fatos “que a infância permanece viva em nós e poeticamente útil. Por essa infância permanente, mantemos a poesia do passado. Habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança, é viver na casa desaparecida como nós sonhamos” (Bachelard, 2008, p. 207).

Um dos momentos flagrados por Pilar é justamente a aldeia natal de Saramago a quem dedica algumas reflexões diretamente relacionadas com o que estamos a considerar. Pilar acentua que a presença de Azinhaga está em *As Pequenas Memórias* (2006) e o quanto dessa aldeia habita a alma do morador mais ilustre de Lanzarote, tanto que

as estrelas que José Saramago via na sua infância, em Azinhaga, voltou a vê-las em Lanzarote, olhou-as com o mesmo assombro e desproteção, com a mesma necessidade de as cuidar e de entender o mundo. A Azinhaga deixou, em certo

momento, de ser umas ruas, uma praça, uns campos e um rio para passar a ser uma filosofia, como o vulcão apagado de Lanzarote (Río, 2022, p. 266-267).

A transferência topofílica de Azinhaga para Lanzarote se torna um fenômeno importante quando pensamos em memória. Afinal, o apego ao lugar de origem acaba por ser refletido no ambiente insular, transformado em berço com sentido claro de acolhimento. A Lanzarote-ilha passa a compor, na verdade, a paisagem exterior e interior de Saramago, a paisagem enquanto “um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos”, na acepção do geógrafo francês Éric Dardel (2011, p. 30). Os momentos vividos e as impressões tomadas à medida que desbravava a ilha são retratados enfaticamente por Pilar em “Lugares da ilha”:

Os primeiros tempos de estadia em Lanzarote foram um ir e vir constante de sul a norte, de leste a oeste, havia que incorporar à memória paisagens, monumentos, certas pedras e as poucas sombras que se encontravam e que deviam ter nome. Foi assim que os lugares de Lanzarote foram sendo parte do português que chegou à ilha para ser, ele também, parte dela (Río, 2022, p. 57).

Saramago descobriu também, desde que aportou em Lanzarote, depois de ter visitado Cuba e Cabo Verde, que “os continentes são ilhas de maior dimensão”. Daí pode ter nascido o ideário em torno da criação de uma plataforma cultural do Atlântico Sul, sem o lastro colonialista ou imperialista. Uma utopia que bem poderia ter se transformado em realidade.

Voltemos nosso olhar à relação topofílica alimentada por Saramago em torno da morada eleita. Numa das fotos tiradas quando da chegada a Lanzarote após a premiação do Nobel de Literatura, é visível o letreiro “A Casa” no portão branco de entrada, a configurar a metonímia de “lar”. Em todo o livro de Pilar, essa denominação atribuída à morada do casal detém importância expressiva, a ponto de preencher grande parte da narrativa. Em uma das primeiras passagens em que aparece, somos informados de como fora imaginada, construída e ocupada. São muitos os detalhes que realçam a sua importância, visto que, dali em diante, seria o lugar que abrigaria não só os viventes, mas os futuros personagens dos romances a serem escritos. Ilustremos com este trecho:

É verdade que a casa era simples, o que se tinha pedido era uma sala para convívio, dois espaços de trabalho, os quartos necessários e uma cozinha-sala de refeições que fosse lugar de encontros, sem nunca separar o cozinhar da necessidade e do prazer de se alimentar. Estava também a promessa de um jardim, um pedregal antigo onde chegam camiões de terra fértil capaz de acolher

as sementes que mais tarde dariam sombra a esse lugar de Tias que já tinha nome, e nome em português: *A Casa* (Rio, 2022, p. 38).

Uma leitura psicanalítica, suscitada no *Dicionário de símbolos* (1995), de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant a partir do símbolo “casa”, parece se aproximar da concepção de “lar” imaginada pelo casal e, sobretudo, por Saramago. Segundo a psicanálise, portanto, no que diz respeito às “peças representadas”, há diferenças de significado:

O exterior da casa é a máscara ou a aparência do homem; o telhado é a cabeça e o espírito, o controle da consciência: os andares inferiores marcam o nível do inconsciente e dos instintos; a cozinha simbolizaria o local das transmutações alquímicas, ou das transformações psíquicas, isto é, um momento de evolução interior. Do mesmo modo, os movimentos dentro da casa podem estar situados no mesmo plano, descer, ou subir, e exprimir, seja uma fase estacionária, seja uma fase evolutiva, que pode ser progressiva ou regressiva, espiritualizadora ou materializadora (Chevalier; Gheerbrant, 1995, p. 197).

A cozinha, de fato, representa um dos espaços mais importantes da Casa, o “local das transmutações alquímicas ou das transformações alquímicas”, haja vista a presença constante do escritor logo ao romper da manhã, a inventar guloseimas e a se preparar para a jornada diária em que estaria envolto pelo trabalho com a literatura. Pilar assim descreve esse “momento de evolução interior”:

Cada manhã era um triunfo: chegava à cozinha, preparava o seu chá, um sumo de laranja, torradas e iogurte, e convertia-se no maior chef do mundo. Nunca se deu por vencido nem permitiu que alguém interferisse na preparação do seu pequeno-almoço. Dominar a cozinha e a culinária dessa maneira era o seu orgulho (Río, 2022, p. 61).

Um dos compartimentos mais esperados por Saramago foi, sem sombra de dúvida, a biblioteca, construída enquanto um edifício para abrigar as centenas de livros trazidos para a ilha e, mais do que isso, para acolher suas horas de trabalho. Consistiu num lugar especial onde se produziria o “milagre contínuo da criação”. Pilar relata com maestria esse processo até culminar com a primeira obra produzida nesta chamada “segunda existência de Saramago”:

Carpinteiros do norte da ilha construíram estantes de madeira de pinho, a única disponível, que colocariam de parede a parede. Uma mesa grande para acomodar o computador, livros, dicionários, folhas desorganizadas, correspondência, flores, fotografias, o caos estimulante e necessário para escrever. Depois, já

com a casa mobiliada, virá a normalidade, o escritor pôr-se-á a escrever, tudo estará objetivamente preparado. É então que as turbulências da criação se fazem visíveis. *Ensaio sobre a Cegueira* era o livro que trazia na bagagem, talvez a obra que mais tempo o ocupou, três anos e três meses desde que a ideia lhe apareceu enquanto almoçava num restaurante da Madragoa, em Lisboa. “E se todos ficássemos cegos?”, foi a pergunta que se fez. Precisou de chegar a Lanzarote para lhe dar a resposta (Río, 2022, p. 43).

A “segunda existência de Saramago” é pontuada com primazia por Fernando Gómez Aguilera no Prefácio ao livro de Pilar, considerada um momento epifânico quando da escolha por viver em Lanzarote. Segundo o estudioso, Saramago iria interiorizar

[...] uma paisagem severa, que se emparelhou com a sua alma e acabou por permeabilizar a sua obra, inaugurando, a partir de *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), uma nova ‘fase literária’, que denominaria metaforicamente de “etapa da pedra”. De mãos dadas com uma expressão matizada, distancia-se das relações entre ficção e história para se ancorar no presente e se concentrar na leitura da realidade desviada (Aguilera, 2022, p. 15).

De fato, foi a partir da decisão por viver em Lanzarote que Saramago passou a desenvolver uma obra de cunho mais ontológico ao eleger o ser humano como foco essencial, seja do ponto de vista moral e ético, seja do ponto de vista reflexivo e filosófico. O nascedouro, portanto, de sua veia humanista mais incisiva se insinua a partir de *Ensaio sobre a Cegueira* e avança, segundo o relato cronológico de Pilar, para obras consagradas como *O Conto da Ilha Desconhecida*, de 1997; *Todos os Nomes*, também de 1997; *A Caverna*, de 2000; *O Homem Duplicado*, de 2002; *Ensaio sobre a Lucidez*, de 2004; *As Intermitências da Morte*, de 2005; *As Pequenas Memórias*, de 2006; *A Viagem do Elefante*, de 2008; *Caim*, de 2009, e a inacabada *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*, de 2010. No que concerne a essa última obra, Pilar relata como se deu a sua publicação depois da morte de seu autor:

[...] várias editoras associaram-se e decidiram publicá-lo acompanhado de textos de duas pessoas singulares: Fernando Gómez Aguilera, que acompanhou o processo criativo deste livro e os últimos instantes do amigo, e o escritor italiano Roberto Saviano, que vive ameaçado tendo de proteger-se das armas e dos que as manejam, autorizam, fabricam, como dos que, por indiferença ou por resignação, as permitem. *Alabardas*, a última obra de José Saramago, é um manifesto contra a resignação (Río, 2022, p. 332).

Longe de se sentir resignado diante do caos, Saramago empreende, mesmo já enfraquecido pela saúde frágil, um libelo contra o *status quo* que banalizou a violência. Com *Alabardas*, coloca um ponto final na sua ficção, não na atualidade de suas temáticas.

Espaciosidade e experiência epifânica

Dando continuidade à abordagem espacial em *A intuição da ilha*, cabe aqui considerarmos um dos conceitos mais significativos que compõem o aporte teórico da Geografia Humanista Cultural: o conceito de “espaciosidade” e que se apresenta de modo substancial no relato afetivo de Pilar del Río.

Num dos capítulos de *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013), denominado “Espaciosidade e apinhamento”, Yi-Fu Tuan acentua que a “espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficientes em que atuar” (Tuan, 2013, p.70). Já o “apinhamento” constitui seu sentimento antitético, na medida em que está diretamente relacionado com a privação do espaço e com a restrição da liberdade. E exemplifica: “[...] uma floresta está apinhada de árvores e um quarto está apinhado de bugigangas. Mas são basicamente as pessoas que nos apinham; elas, mais do que as coisas, [...]” (Tuan, 2013, p. 78). Em Lanzarote, Saramago irá vivenciar sensações até então não vivenciadas, visto a possibilidade de ampliação da perspectiva do olhar, agora voltado para a simplicidade de sua vivenda e para o entorno mergulhado no silêncio dos vulcões. O verdadeiro apinhamento havia deixado em Portugal, graças a um Governo que desprezava os “valores de Abril” e que o perseguia após a publicação de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*: um livro “mal escrito”, cujo “autor é um militante comunista” (Río, 2022, p. 33-34). A espaciosidade, ao implicar poder e espaço suficientes em que se possa atuar, garante a Saramago a liberdade há muito almejada e somente conquistada quando da mudança de corpo e alma para Lanzarote. Lá serão 18 anos de trabalho profícuo e de dedicação total à vida que de fato importa.

Já a perspectiva da experiência epifânica pode ser suscitada a partir de um dos estudiosos contemporâneos que investigam sobre o lugar numa leitura fenomenológica/ontológica que é o geógrafo canadense Edward Relph. Sua contribuição neste momento tem o intuito de propor um olhar mais acurado sobre a presença efetiva da Casa na mundividência de Saramago. No livro *Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia* (2012), Relph sustenta o papel fundamental do lugar não só no campo da ciência geográfica, mas das humanidades em geral e, a partir de reflexões acerca da essência de lugaridade, classifica os diversos tipos de lugar segundo suas possibilidades de aplicação. Tendo em vista a noção de “lar”, Relph se vale dos argumentos de Malpas para aprofundar as raízes deste fenômeno. Assim,

Para Malpas, ‘lar’ não se refere às nossas raízes e onde crescemos, mas tem a ver com a ‘proximidade do ser’. Ser é a existência de todas as coisas, por isso ‘a proximidade do ser’ significa a consciência da abertura, totalidade e conectividade do mundo. Nesse sentido ontológico, o lar aparece por meio de lugares específicos, ainda que também os transcenda. Está associado frequentemente ao lugar onde vivemos e crescemos, mas pode ser qualquer parte desde que esteja enraizado num lugar simultaneamente especial, familiar e significativo, levando em conta a diferenciação e a integridade do ser no mundo (Relph, 2012, p. 29).

A experiência cotidiana de Saramago desde a chegada à ilha de Lanzarote se revela mais profundamente ainda quando a associamos com a ideia de “habitar”, conceituada por Heidegger anos após a publicação de *Ser e Tempo*, em 1927, e suscitada por Relph em suas investigações sobre o lugar. “Habitar”, nada mais é, na visão heideggeriana, do que morar, relacionar-se com o lugar por meio da existência, compreender a própria mortalidade, ter experiências com o não-humano e com a transcendência. Ser-estar-no-mundo constitui a essência da ideia de lugar. Lígia Saramago, uma das comentadoras da obra de Heidegger, assim justifica essa complexa reflexão: “a crescente importância que o lugar alcançará no pensamento de Heidegger se justifica por sua relação direta, ainda que nem sempre explícita, com a questão do ser, pedra angular de toda a sua filosofia. *Ser* implica, inescapavelmente, *estar em* ou *pertencer a algum lugar*” (Saramago, 2012, p. 204). E é justamente o que descortinamos em Pilar, na sua narração íntima e perfumada de afeto.

No capítulo denominado “Música numa cratera”, ao leitor é dado perceber o quanto da experiência de Saramago com o não humano e com a transcendência foi extremamente rica e intensa, ao ponto de possibilitar o encontro com o inefável. Num dos concertos realizados perto de uma das crateras do vulcão del Cuervo, um de seus locais preferidos, realiza-se um dos momentos epifânicos vividos pelo escritor e poeticamente narrado por Pilar. Na presença de uma harpa e de outros sons não usuais que habitam nossa memória, ocorre o transcender da existência, o desvendamento do mistério. Após o término do concerto, Saramago assim se revela:

José Saramago vai feliz como qualquer outro: a vida permitiu-lhe sentir de outra maneira, gozar durante uns instantes da vivência do infinito, átomos em movimento num espaço sem fim desde uma cratera de Lanzarote, sob estrelas assombradas. Esse sentimento acompanhou-o durante toda a sua vida (Río, 2022, p. 184).

Semelhante sentimento introjetado por Saramago se materializa em Dardel quando da abordagem do espaço telúrico enquanto um dos espaços geográficos que

constituem o globo terrestre. Na visão do geógrafo francês, “há uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da ‘crosta terrestre’, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica” (Dardel, 2011, p. 15). É o que constatamos da experiência de deslumbramento vivida pelo escritor português em Lanzarote e, em especial, no Parque de Timanfaya, onde rugem os vulcões.

Do ponto de vista da afeição, um dos momentos mais representativos se evidencia quando se juntam ao casal os cães Pepe, Greta e Camões, a quem Pilar dedica espaço considerável na narrativa. Pepe é o cão das lágrimas de *Ensaio sobre a Cegueira* com quem Saramago conversava mesmo em pensamento; Greta surgiu mais tarde, abandonada por alguém que, segundo Pilar, não a pôde suportar, pois “era tirana, lia o pensamento das pessoas e usava-os para os chatear. Ocupava sempre o lugar eleito por quem estivesse no seu radar, e não permitia que a contestassem o que acreditava ser seu direito” (Río, 2022, p. 90). Já Camões, o último a chegar, “era alto, desajeitado, de pelo negro e encaracolado com uma espécie de gravata branca que quebrava a monotonia da cor. *Camões* não tinha características humanas, era um cão consciente de o ser, sem ares de grandeza” (Río, 2022, p. 91). Do livro *A Caverna*, é o cão Achado que ladeia o oleiro, concedendo-lhe seu calor.

Curiosamente, quando da morte de Saramago, Camões, o único cão que sobreviveu,

apercebeu-se e chorou a noite inteira. Eram uivos tremendos que ninguém podia consolar, ia pelos lugares de seu dono cheirando em vão, uivando, gritando desesperado. Juan Teba, um amigo de José Saramago que testemunhou essa aflição, escreveu um artigo intitulado ‘Camões chora por Saramago’ (Río, 2022, p. 91).

E Pilar arremata: “*Pepe, Greta e Camões* foram casa para José Saramago” (Río, 2022, p. 93), no sentido de lar que estamos a defender nesse trabalho, numa ligação inextricável com o ser, na sua totalidade e conectividade com o mundo.

Quando da morte do escritor, os três lugares mais importantes por ele habitados conjugam-se em harmonia, de modo a compor a essência de lugaridade do ser-estar-no-mundo. Seus restos mortais ficaram em Lisboa, sob uma oliveira trazida de Azinhaga e que seria plantada defronte à Casa dos Bicos, destinada a ser a sede da Fundação José Saramago. Suas cinzas, fundidas com as raízes da oliveira, foram cobertas pela terra oriunda de Lanzarote, a qual, segundo Pilar, foi “amorosamente recolhida de debaixo da pedra negra do jardim onde um dia o escritor pensou que seria um bom lugar para ficar” (Río, 2022, p. 340). Os lugares de memória perfazem a trajetória de Saramago e compõem o seu lugar definitivo.

Considerações finais

Curiosamente, Pilar del Río não justifica o porquê da publicação de *A intuição da ilha* nas suas páginas iniciais, logo após o Prefácio de Fernando Gómez Aguilera, mas apenas na página 69, no capítulo intitulado “Para que serve este livro”. De modo literal, assim enuncia a motivação: “Este livro serve para recordar momentos singulares vividos em Lanzarote, claro que sim, mas sobretudo tem como missão continuar a respiração que se sente na biblioteca de *A Casa* e partilhá-la. Este é um livro para amigas e amigos” (Río, 2022, p. 69). E mais adiante, nas linhas finais do capítulo: “Este livro é um reconhecimento ao seu trabalho em Lanzarote e uma forma de agradecimento. É um livro de leitores e um ato de amor” (Río, 2022, p. 72). Concordamos em parte com Pilar. De fato, *A intuição da ilha* deve ser lido como uma grande homenagem ao ganhador do Prêmio Nobel de 1998 que, em Lanzarote, produziu várias de suas obras mais renomadas e consagradas pela crítica. Sim, é “uma forma de agradecimento” por ter legado aos seus leitores tantas passagens pitorescas e grandiosas de seus romances e contos. Porém, para além de celebrarmos o escritor Saramago, a biografia, crônica e diário de Pilar del Río proporciona o adentrar na esfera privada do dia a dia do casal, suas atividades e desejos, suas angústias e receios, suas descobertas e intenções. Consiste, verdadeiramente, num rico acervo de informações não só subjetivas, mas de cunho sociológico-literário que tem como alicerce de sustentação a figura emblemática de Pilar, a “heroína” da epopeia cotidiana de Saramago. Como bem pontua Aguilera (2022, p. 21), “a autora destas páginas presta tributo ao fluxo da vida através de evidências expressas, do concurso entre os âmbitos domésticos e a revelação ponderada da privacidade”.

À guisa de encerramento desse percurso singular e pleno de espaciosidade, laureado por experiências epifânicas, trazemos à tona o livro *Diálogos com José Saramago* (1998), de autoria de Carlos Reis, em que chamam a atenção, já na Apresentação, as impressões gerais do crítico literário quando da sua visita a Saramago em Lanzarote para o registro dessa longa entrevista a ele concedida pelo escritor português. Na Apresentação, portanto, Carlos Reis ressalta o quanto a ilha se revela intrínseca à vida de Saramago e o quão bela é a paisagem vulcânica e quão magnífico o cenário que espelha as montanhas do Parque de Timanfaya. Durante três dias e ao longo de algumas e boas horas de “sessões de trabalho”, a entrevista circulou ora por testemunhos do escritor acerca da sua obra, ora por aspectos inerentes de sua criação literária. Destacamos uma passagem que consideramos relevante para o que temos desenvolvido até aqui.

Diante da pergunta acerca da sua “notoriedade tardia”, relativa tanto ao fato de ter se tornado um escritor famoso “tarde na sua vida” quanto à condição tardia de ser escritor, Saramago assim responde, invocando aquilo a que temos nos dedicado nessas linhas de reflexão:

Vive-se estupendamente, até porque também comecei a ser um homem feliz tarde na minha vida.

Como isso tudo aconteceu tarde, desfruto totalmente, em lugar de estar amargado, decepcionado (embora tenha muitas decepções: sou uma pessoa pessimista e céptica em relação a esta coisa que nós chamamos *espécie humana*, em relação ao que estamos a fazer do mundo e de nós próprios). Agora, em relação ao resto – chegar aos setenta anos (setenta e quatro, que são os que tenho agora), continuar com capacidade criativa, ter uma família, uma mulher, com quem vivo bem e sou feliz, uma casa que construímos, coisas que se fazem *antes* e que depois, quando se chega mais tarde, já não têm muito interesse, porque tudo já acabou, tudo está a desfazer-se – em relação a tudo isso, a impressão que tenho é que, morrendo amanhã ou daqui por dois dias, deixo qualquer coisa sólida (Reis, 1998, p. 48).

“Qualquer coisa sólida”, o húmus da existência que alimenta a busca do homem desde sempre, sedimentou-se em Lanzarote, a ilha vulcânica, a grande intuição da vida de Saramago.

FEITOSA, M. M. M. Topophilia and spaceness in Lanzarote: Saramago’s epiphanic experience. *Itinerários*, Araraquara, n. 57, p. 189-200, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *Published in 2022 by Pilar del Río, “A intuição da ilha: os dias de José Saramago em Lanzarote” constitutes a unique and highly sensitive book. Positioned among the genres of biography, chronicle, and diary, amidst events experienced in the Casa – as spelled by the author – the narrative encompasses the writing of several novels, many critically acclaimed, the explorations of the volcanic island, culminating in encounters with renowned writers such as Carlos Fuentes and Ernesto Sábado, as well as figures like Sebastião Salgado. The work vividly and skillfully recounts the last 18 years of Saramago, precisely from 1992 to 2010, in Tías, in the southern part of the island, near Morocco’s coast. The objective of this investigation is to bring forth Saramago’s affective experience through the eyes of his partner and constant companion, exploring how his topophilic relationship with Lanzarote influenced the writing of several of his novels and how the freedom acquired on the island – its expansiveness – allowed for the attainment of epiphanic moments. The theoretical framework for this study will draw on the Humanistic Cultural Geography, based on phenomenology, with contributions from Bachelard (2008), Tuan (2012; 2013), Dardel (2011), and Relph (2012), as well as specific reflections on Saramago’s production found in the works of Reis (1998) and Aguilera (2008).*

■ **KEYWORDS:** *José Saramago. Lanzarote. Topophilia. Experience.*

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Fernando Gómez. Prefácio. *In*: RÍO, Pilar del. **A intuição da ilha**: os dias de Saramago em Lanzarote. Porto: Porto Editora, 2022, p.11-24.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CHEVALIER, Jean; CHEVALIER, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 9ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17-32.

RÍO, Pilar del. **A intuição da ilha**: os dias de Saramago em Lanzarote. Tradução de Sérgio Machado Letria. Porto: Porto Editora, 2022.

SARAMAGO, Lígia. Como ponta de lança: o pensamento do lugar em Heidegger. *In*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 193-225.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina, PR: EDUEL, 2012.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina, PR: EDUEL, 2013.

